

As vozes do silêncio

PASSAM furtivamente
um ciclista e um cão e deixa
de se ouvir vivamente no Candal



Aldelas do xisto recuperadas nas serras da Lousã e do Açor e na orla do Zêzere



REPORTAGEM DE *Daniel Reis* (TEXTO) E *João Carlos Santos* (FOTOGRAFIAS) INFOGRAFIAS DE *Jaime Figueiredo*



DONA LENA vive só com o marido no Talasnal, mas os doces de Mirita Meira, o cabrito assado de Leonel Barata, o restaurante domingueiro de Lisete e Amélia Dias e as tecedeiras de Janeiro devolveram alguma vida a estas aldeias

Maria Helena avança serenamente pelos 80 anos e foi a primeira pessoa da sua aldeia (Talasnal) a matricular uma filha na Lousã: «Íamos e vínhamos a pé, à volta de uma hora, serra abaixo, serra acima. A chuva de Inverno é que era o problema». Outras famílias lhe seguiram o exemplo, mal os filhos terminavam a

primária. E, quando o Talasnal ficou três anos seguidos sem escola, começaram «a perder gente e nunca mais parou». Resultado: das três centenas de pessoas, que viviam há 30, 40 anos nesta remota lomba da Serra da Lousã, só lá restam Helena e Manuel, o seu marido. E este mais voltado para se quedar em casa, que para dar trela aos turistas domingueiros, na lojinha do primeiro andar, a meio da rua principal da aldeia calcetada a xisto.

Como boa conversadeira, é por lá que

Helena normalmente se atarda, fazendo companhia a uma rapariga da sua criação, que todo o sábado sobe da cidade, para entreter a reforma vendendo bolinhos, licores e mel da terra. Nos outros dias, e meses e anos, se alguém quebra o silêncio impregnado nas casas, deve ser Dona Helena a ralar com as galinhas.

É no rasto da fama dela que muita gente sobe ao Talasnal. E mesmo os que só lá vão em demanda de petiscos, esses também devem saber (se não souberem,



alguém lhes lembra) que o único restaurante da terra se chama Ti'Lena, justamente em homenagem à última moradora que resiste na aldeia.

A caminho destes lugarejos, saindo da Lousã, sobe-se a meia-encosta pela estrada 236, sobranceira a uma fiada de ribeiras. Os vales são apertados, mas lindíssimos à luz da manhã, havendo sol. E dão,

por vezes, a ilusão de que a encosta em frente está ao alcance de um pulo.

Se o fogo algum dia ali chegou, não parece: até lá abaixo e erguendo os olhos pelo outro lado, o verde avassala a vista, matizado a tons de carvalho e castanheiro, também de mimosas dispersas e muito pinho manso sobre o mato raso.

Apetece parar, para ver melhor. Só

que há as ravinas e a estrada estreita num dos miradouros rudimentares do Candal, deixa de ter sentido real. E, aí, começa a experiência única de entrar na dimensão de um tempo suspenso e envolto em silêncios.

A primeira surpresa é que nem uma ave saía do arvoredo. Só o silêncio. Mas, depois, quando a mente já limpa

tra na nova dimensão, começa a sentir-se um leve rumor, vindo do fundo do vale. Parece de um fio de água, algures, não muito longe. E é, de facto, a ribeira de São João descendo furtivamente a caminho do rio Arouce, sob o verde vivo da vegetação.

Vivê-lo-íamos depois em primeira-mão: silêncios assim é o que mais há pelas Aldeias de Xisto fora, tanto nas ser-

ras da Lousã e do Açor, como do outro lado dessa corda de montanhas, na orla do Zêzere. Nestas últimas, porém, especialmente em Janeiro de Cima, o rumor que vem do rio é mais cavo e impressionante. E, sendo Inverno, com o Zêzere cheio, em vez de rumor há um fragor garantido a desabar do açude. No silêncio da noite, mesmo que de longe, arrepiava.

Lá onde se dobra a ribeira para o alto da serra, Candal apresenta-se: uma aldeia feita bilhete-postal, em «close» a partir da estrada. Lá dentro, não se nota — pelo menos, não se vê nem ouve — vitalidade. Só o silêncio, sobre velhas casas de xisto recuperadas... e dois ciclistas e um cão, em fundo de paisagem.

Noutra colina, ao longe, parece no



TALASNAL (à esquerda, em cima), Janeiro de Cima (foto grande) e Candal (restantes fotos) fazem parte das 23 aldeias do Pinhal Interior sob intervenção da Rede do Xisto.





entanto distinguir-se a voz de alguém. E levando o olhar até uma vaga coluna de fumo, que se eleva das árvores, podem ver-se umas casas a espreitar sob o arvoredor e sobranceiras à ribeira do Catarredor. Para lá chegar, há ainda meia dúzia de quilómetros de alcatrão e um ou dois de terra batida, em bom estado, a partir da Selada Cimeira. Catarredor

e Vaqueirinho talvez não justifiquem um desvio. Mas adiante, que é já ali o Talasnal e é para lá que vamos.

Esta é uma das mais belas aldeias beneficiadas pelo programa de recuperação das casas de xisto, que está a terminar, e foi alimentado por fundos europeus e verbas municipais. Há mais duas dezenas de comunidades do Pinhal Interior envolvi-

das e que se encontram dispersas por concelhos limítrofes. Aigra Nova, Cerdeira, Gondramaz, Comareira, Álvaro e Fajão são algumas delas, entre as mais faladas.

O programa operacional das Aldeias de Xisto está há uma dezena de anos no terreno e abrange infra-estruturas colectivas (estradas, ruas e largos, luz e água) e a recuperação de umas 500 casas particula-

res. No total, são 23 aldeias sob intervenção, 11 milhões de euros de investimento programado, na sua larga maioria (70%) de fundos europeus (Feder) e a parte restante à conta dos municípios aderentes.

Mas no Talasnal, quando a recuperação sistemática das casas estava concluída, já lá não morava ninguém. A não ser Dona Helena e o marido, que esses, em-

bora tendo acompanhado a filha durante anos, na Lousã, nunca abandonaram a aldeia, definitivamente. Pelo menos iam lá quando não havia aulas, «semear batatas e feijão, além de tratar das vinte e tal colmeias, que essas é que davam dinheiro...», como recorda Dona Helena. Há uma dúzia de anos, ficou de vez só com o marido. E continuam a ser os únicos mo-

radores permanentes. A comida vai lá o genro levá-la. E a velha senhora do Talasnal não se queixa. «Nos fins-de-semana e nas férias, nunca cá faltou gente e eu gostei muito de ver isto animado», despede-se, orgulhosa.

No domingo em que lá estivemos, havia umas duas dezenas de carros no parque de estacionamento, à entrada

da aldeia. É, precisamente, aqui que entra o programa das Aldeias de Xisto, financiado a partir da Comissão de Coordenação Regional do Centro, administrado por cada município nas aldeias que lhe competem e coordenado (quanto à organização turística, promoção de actividades económicas e divulgação geral) pela associação Pinus Ver-

de, com sede na Casa Redonda (Bogas de Cima), ela própria um *ex libris* da feira de aldeias de xisto entre a Gardunha e o Zêzere.

A regra subjacente às intervenções fundamenta-se no seguinte: já que não é possível fixar a população perdida, ao menos que as aldeias sejam turisticamente atractivas, na condição de se lá criarem

algumas actividades economicamente sustentáveis. Em muitos caos, foi a segunda geração que recuperou a casa dos pais, com o financiamento deste programa: 70% a fundo perdido e o resto por conta dos particulares, ou sob a forma de ajuda em função das posses de cada um.

Gravuras rupestres foram descobertas na Barroca do Zêzere a 1 de Junho de

2004, em rochas junto ao rio, pelo fotógrafo Diamantino Gonçalves. E por isso a intervenção nessa aldeia tem um objectivo mais específico. Segundo Paulo Fernandes, o vereador da Câmara do Fundão responsável pelo programa no concelho, trata-se de fazer «um percurso de acesso a pé, até ao rio, e chegada às gravuras». Além disso, foi recuperado um edifi-

cio emblemático, a Casa Grande, que funciona como equipamento de apoio.

Em Janeiro de Cima, sua terra natal, vive o mestre-pedreiro Vítor Cortes, de 38 anos e que há oito regressou da emigração em França.

Ter-se-á «apaixonado pela pedra», que é a sua forma de se referir ao xisto, lá pelos 12 anos de idade, segundo diz, quan-

do começou a trabalhar. E foi a ele que a Pinus Verde recorreu, «para passar a arte à rapaziada mais nova».

Em Janeiro, foram formados 12 pedreiros e na Barroca do Zêzere o grupo de alunos era misto, tinha muitas raparigas.

Alguma ficou a trabalhar no ofício? Vítor Cortes duvida: «Este trabalho é muito duro, e eu incentivava-as a fazerem

DEZ ANOS e 11 milhões de euros depois, há infra-estruturas e umas 500 casas renovadas ao estilo antigo



miniaturas, ensinando-lhes os rudimentos do artesanato em pedra.» De outros alunos, acrescenta que «cedo se percebeu que não dariam nada, pois não se interessavam, não tinham gosto». E «a pedra exige gosto e paixão», como enfatiza o mestre-pedreiro. Por ali pratica-se a arte com uma particularidade: também utilizam o xisto da pedreira, mas cerca de metade da pedra das paredes são seixos do Zêzere.

Entre a construção antiga e a de hoje, há duas diferenças: a cola (argamassa) e a largura das paredes. «Antigamente só se usava o barro para colar as camadas de pedras», recorda o mestre. «Agora temos argamassa pobre de cimento, com mistura de barro para manter a cor tradicional.» Assim se respeitam as técnicas antigas, mas não exagerando, pois todos querem as paredes mais resistentes à chuva e às infiltrações.

Até há cerca de dez anos, as paredes eram muito mais largas. Hoje, quer por motivos económicos, quer para ganhar espaço, acrescenta, «passámos à caixa interior, em alvenaria de tijolos, como se faz na construção em geral, aplicando depois o xisto no revestimento exterior».

Ou seja, na reconstrução actual destas

casas, o xisto é, sobretudo, utilizado como material decorativo da fachada.

As paredes antigas iam de 1,60 m a 1,80 m, na base, estreitando depois para cima, conforme os apoios interiores (em madeira), a que hoje se chama placas, uma para cada andar. Na meia centena de casas reconstruídas em Janeiro de Cima, a estrutura interna (caixa de alvenaria) tem 20 a 25 centímetros e o revestimento a pedra de xisto anda pelos 20. Tudo somado dá menos de meio metro, quando as paredes antigas nunca ficavam aquém do metro de largura.

Já quanto ao preço, as contas de Vítor Cortes são simples: «O metro quadrado de parede tradicional, toda em xisto, deve ficar pelo dobro do metro em cimento e tijolo.» Daí que, só com apoios públicos alguém se abalança hoje a reconstruir uma casa ao estilo antigo e tão admirável, como o que é possível ver na Rede das Aldeias de Xisto.

dreis@expresso.pt

Mais informações gerais em

Centro Dinamizador das Aldeias de Xisto

Casa Grande/Barroca

Telefone: 275 647 700

www.aldeiasdoxisto.pt

Informações úteis

As 23 aldeias da Rede do Xisto estão dispersas por uma dezena de concelhos nas serras da Lousã e do Açor e junto ao rio Zêzere. Algumas sugestões de percursos e alojamentos:

Percurso 1

Candal, Talasnal, Chiqueiro, Vaqueirinho e Casal Novo. Ponto de partida: Lousã (utilizando a estrada municipal 236)

Alojamento

Meia dúzia de residências
Mélia Palácio Hotel (Largo Visconde do Espinhal, tel. 239 990 800, www.palaciodalousa.pt).
Preço (época baixa): individual — €76,50; duplo — €92

Restaurante-Bar (só nos

fins-de-semana, incluindo jantar de sexta-feira): Ti'Lena (Talasnal, tel. 933 832 624 e 917 045 608)

Percurso 2

Janeiro de Cima e Barroca do Zêzere (eventual visita às gravuras rupestres, recentemente descobertas em rochas do rio, na Barroca). Ponto de partida: Fundão (EN238, saída para Sul indicações Silveiras/Barroca. Ao km 37, depois da Barroca e do Penedo Barroco, desvio à direita para Janeiro de Cima)

Alojamento

Fundão: Hotéis Samasa e Alambique d'Ouro, Hotel Príncipe da Beira (que trabalha com a Rede das Aldeias de Xisto)
Sítio da Maria Negra, Donas, antigo Seminário do Fundão. Tel. 275 779 920, www.hotelprincipedabeira.pt
Preços: individual — €40; duplo — €80; suites — €120
Janeiro de Cima: Casa de Janeiro (associada à Casa da Pedra Rolada, mais indicada para famílias ou pequenos grupos, pois só tem uma suite e dois quartos duplos)
Preços: individual — €35; duplo — €40; suite — €45, tel. 969 339 830, www.casadejaneiro.com

Restaurante

Fiado (R. Espírito Santo, 5, tel. 938 938 803 e 914 863 230)

O risco da arquitecta



ANA CUNHA junto a uma das 50 casas de Janeiro de Cima recuperadas, cujas paredes têm a particularidade de serem uma mistura de seixos do rio com xisto

A na Cunha foi a responsável pelo plano de aldeia, na intervenção de fundo operada em Janeiro de Cima (cerca de 400 habitantes) e que durou cinco anos. Com ela trabalharam outro arquitecto e dois designers, todos contratados pela Câmara do Fundão através da associação Pinus Verde.

O programa abrangeu meia centena de casas e está praticamente concluído, explicando a arquitecta que, «face ao dinheiro disponibilizado» se circunscreveu ao núcleo mais antigo de Janeiro. «Queríamos recuperar as casas de xisto existentes no perímetro histórico, na sua traça original. Quanto às outras, tratava-se de as enquadrar, para termos uma imagem harmoniosa do núcleo», disse Ana Cunha ao «Expresso».

A Casa das Tecedeiras foi onde tudo começou, sublinhando ela que «era um sonho antigo das tecedeiras já cá existentes, sobretudo as mais jovens, que queriam um sítio fixo para tecer, pois nas suas casas o tempo não lhes rendia o mesmo, de-

vido às interrupções constantes para cuidar da casa, dos filhos e do marido».

A Câmara do Fundão adquiriu uma casa em ruínas, perto da Igreja velha, recuperou-a e hoje está a funcionar em pleno. Onze tecedeiras já se constituíram em cooperativa e não têm mãos a medir, vendendo toda a sua produção artesanal de artigos de linho. Por se tratar da primeira intervenção, ela foi «muito importante em termos estratégicos», sublinhou Ana Cunha, pois «serviu de exemplo». Era preciso mostrar que é possível fazer de «uma velha casa de pedra uma casa nova», em termos de «luz, espaços amplos, funcionalidade e estética interior e exterior».

Os conselhos dos filhos

Os mais novos «aderiram facilmente ao programa de recuperação, nomeadamente um casal de jovens, que já tinha adquirido uma casa na intenção de a recuperar e que a aproveitou para o turismo em espaço rural», revelou a arquitecta. Com outras pessoas, em especial antigas famílias da terra, «já foi mais complicado». Mas os exemplos que iam vendo e, por vezes, o conselho

dos filhos que viviam na cidade, «venceiram as resistências e as desconfianças».

A intervenção financiada é no exterior das casas e telhado, devendo os proprietários tratar da recuperação interior das suas habitações. «Obviamente com a colaboração e apoio técnico», diz a arquitecta. Com pouco dinheiro próprio, muita gente pôde, assim, melhorar a sua qualidade de vida.

Além da Casa das Tecedeiras, foram criadas infra-estruturas como um restaurante (Fiado) e duas unidades de turismo (Casa de Janeiro e Casa das Pedras Roladas), com onze quartos e já a funcionar. Com isso se materializou, em Janeiro de Cima, uma das valências fundamentais do programa das Aldeias de Xisto, que é possibilitar visitas de pessoas que fiquem algum tempo, para comer, dormir e comprar umas coisas.

Especificamente quanto a essas infra-estruturas, a Câmara fez as obras e os beneficiados «pagam agora uma mensalidade simbólica e uma percentagem sobre a facturação», rematou a arquitecta responsável pelo plano de conjunto nesta aldeia do médio Zêzere.